

ISSN 2675-7281

Volume 07 - Nº 37, Fevereiro/2026

[عقم]CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia



[nesta edição,

free wolf por chris, the red

[texto de bruno amara/pinky]

ensaio de uegillys keyllor



Esta revista leva o selo DUOCU,
formado pelos artistas
Bruno Novadvorski &
Chris, The Red
www.duocu.art.br



editorial

7 anos. Em 2026,
completamos 7 anos.
Segundo o filósofo Rudolt
Steiner, desenvolvedor
da antroposofia que
afirma que nós, seres
humanos, temos que nos
conhecer primeiro para
conhecer o universo. Algo
como conectar consigo
para conectar-se com o
universo e entendermos
que somos uma parte
de algo maior. É dele a
Teoria dos Setênios, que divide
a vida em fase de sete anos,
ou ciclos da vida, em que os
conhecimentos adquiridos em

Direitos e Comprometimento:

As imagens constantes na [pós]CORPOS©
são de autoria do seu criador - Chris, The Red -
e por outros artistas que, gentilmente,
as cederam para serem publicadas com as devidas
permissões de direitos autorais.

A [pós]CORPOS© está comprometida com artistas
e todos os direitos autorais estão reservados.
Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.

Outras imagens - que possam ser utilizadas -
são livres de direitos autorais.
No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato.

São Paulo - SP

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski.
[\[www.thered.com.br\]](http://www.thered.com.br)

Volume 07, Nº 37, Fevereiro/2026 (ISSN 2675-7281)

Edição e Redação Chris, The Red **Capa** Chris, The Red (fotografia) **Ensaio Fotográfico Principal:** Chris, The Red **Corpas Falantes:** Bruno Amaral/Pinky **Ensaio Pornossexualgráficos:** Uegillys Keyllor **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

cada ciclo contribuem para os novos desafios que surgirão nos ciclos seguintes. Não afirmo que estes ciclos sejam necessariamente de 7 em 7 anos, mas que é uma excelente metáfora para quando algo termina e outra coisa, começa. Os saberes adquiridos nestes seis anos de [pós]CORPOS serão minha base para mais este ciclo que começa. Com novos desafios, propostas, oportunidades. Independentemente do que virá, me colocarei como sempre fiz: de mente aberta, com muito afeto e cuidado. E como o passado contribui para o presente, o ensaio principal traz o Free Woll em imagens que realizei em 2024, na abertura do Festival Vórtice, em São Paulo. Agradeço ao Paulo e ao Leonardo, organizadores do Festival, pela oportunidade. Na coluna Corpas Falantes, texto do Bruno Amaral, ou seria o Pinky. Um texto autobiográfico sobre a própria construção de sua persona pet. Por fim, nos ensaios pornossexualigráficos, autorretratos de Uegillys Keyllor. Espero que se divirtam, pois o ano está só começando. [1]

Chris, The Red

bixa designer gráfico artista visual
fotógrafo editor-chefe



Nota do editor

Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: conexao@duocu.art.br



Red Cage. Chris, The Red (Rio de Janeiro/RJ, 2025)

Nesta Edição

06 Ensaio Principal

Virando lobo

por Chris, The Red

50 Corpos Falantes

O cachorro rosa

por Bruno Henrique do Amaral/Pinky

76 Ensaio Pornossexualigráficos

A intimidade na luz do flash

por Uegillys Keyllor

Agradecimentos

Bruno Amaral

Free Wolf

Leonardo Maciel

Lord Titto

Paulo Cibella

Pinky

Uegillys Keyllor

Virando lobo

com Free Wolf

Fotos por Chris, The Red



























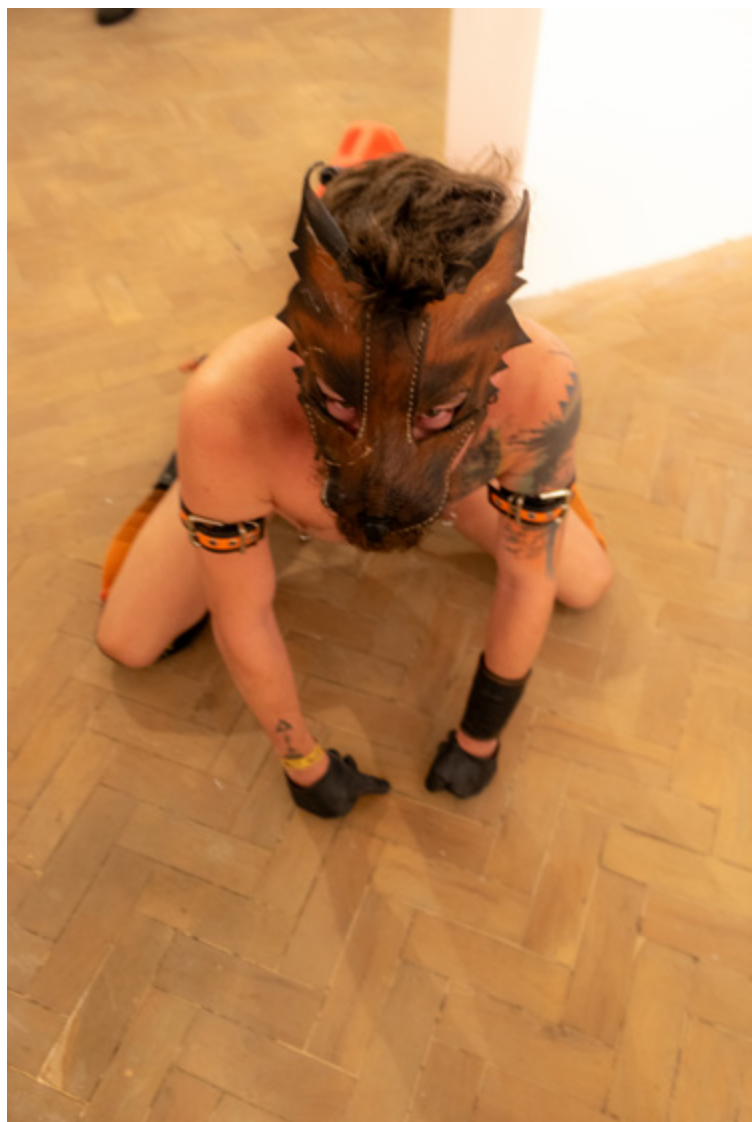
















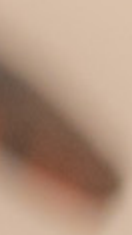


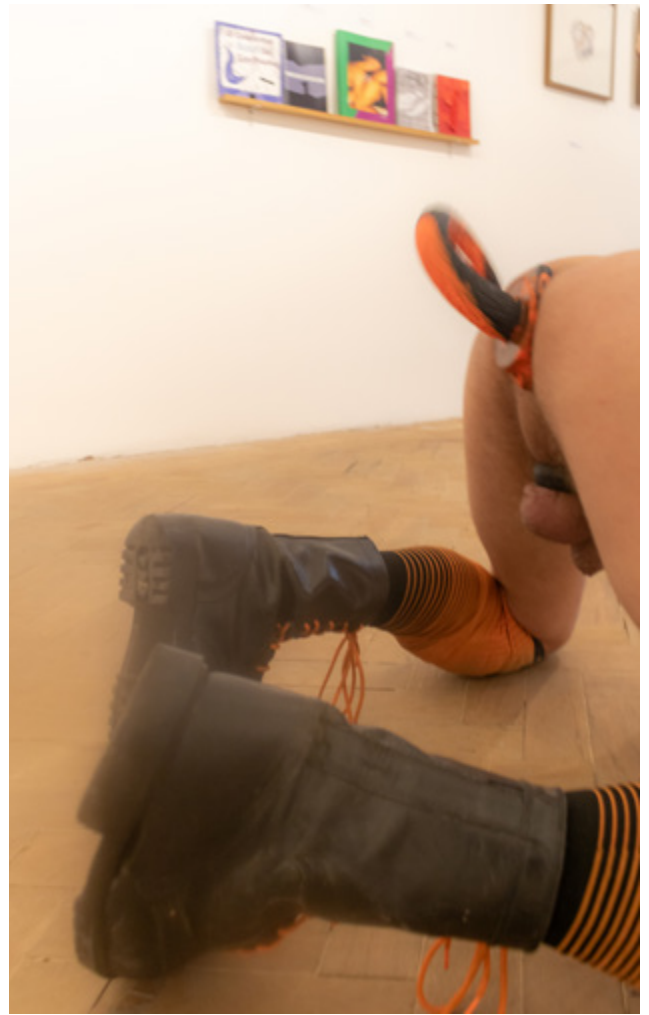














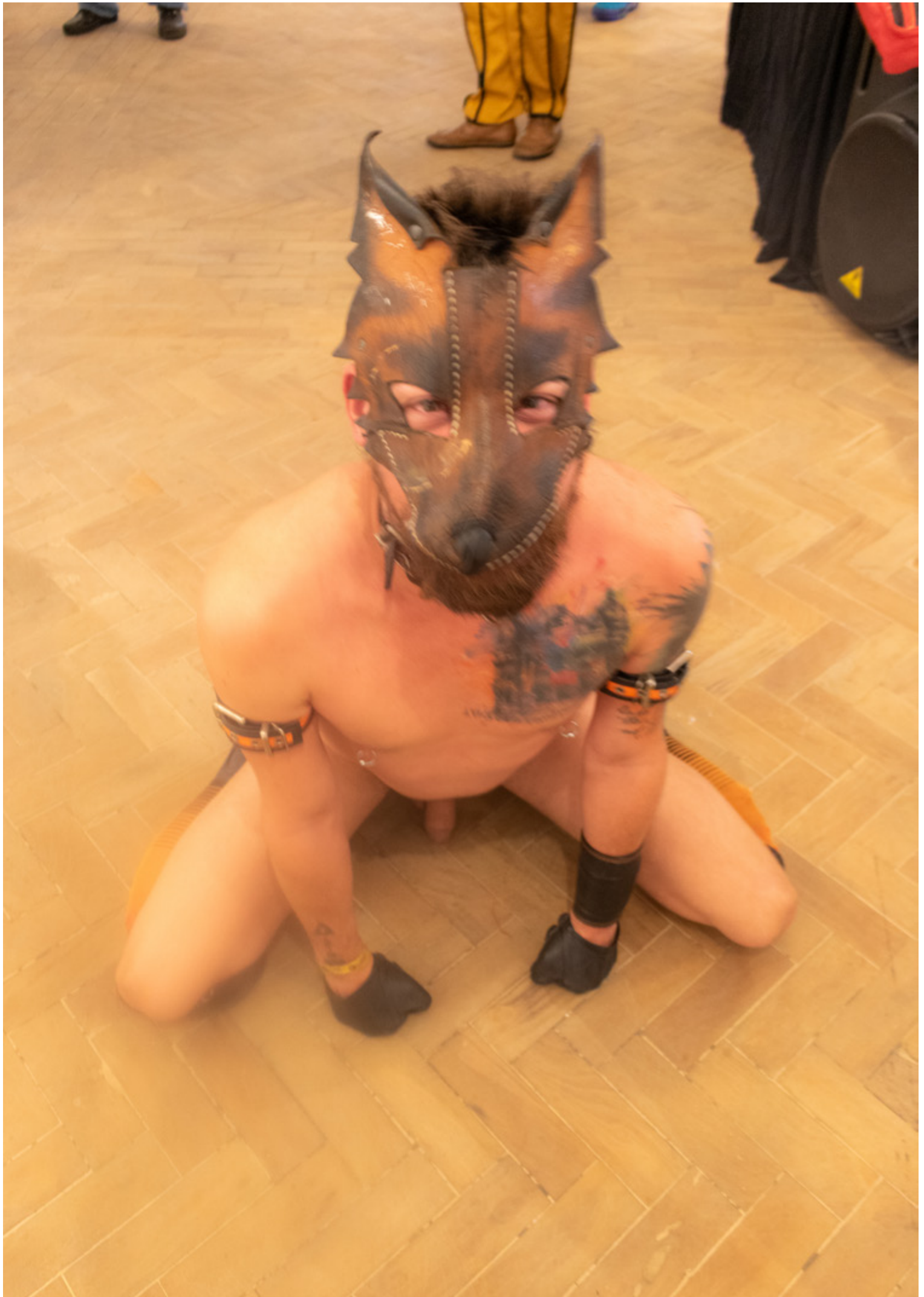
























[pós]**CORPOS:** Free Wolf
Fotografia: Chris, The Red
São Paulo/SP, 2024
Festival Vórtice

 @chris.thered  @leather.freewolf  @vorticecultural

CORPAS FALANTES

O cachorro rosa

51

Bruno Henrique do Amaral/Pinky



Meu nome é Pinky, um chihuahua de pelo longo cor de rosa. Eu era um típico cachorrinho de madame, mas me perdi na mudança e fui acolhido por uma matilha de vira-latas. Posso ser um pouco suquinho e desobediente, mas também sou brincalhão e só mordo com consentimento.

Além de Pinky, eu também sou Bruno, uma pessoa não-binária designada ao gênero masculino no nascimento, de 32 anos, que mora em São Paulo e, atualmente, está cursando o último semestre do doutorado em psicologia, na Universidade de São Paulo/USP. Trabalho com produção de conteúdo adulto desde 2019 e atuo como psicanalista desde o ano passado. Eu escrevo esse texto como Pinky, mas também como Bruno. A proposta é fazer uma breve introdução ao pup play de uma perspectiva teórica, mas também compartilhar como ele transformou minha sexualidade, minha afetividade e minha autoconfiança na perspectiva prática.

O *pet play* é uma prática dentro do BDSM que consiste em incorporar características animais durante a sessão. O *pup play* (ou *dog play*) é um nicho específico dentro do *pet play*, onde as características incorporadas são caninas, ou seja, as ações giram em torno de farejar, morder, lambear, latir, brincar, carinho na barriga e assim por diante. Pode haver o uso de



alguns adereços como máscaras, focinhos, orelhas, rabos, coleiras etc., mas nada disso é estritamente necessário. O importante é entrar no “espaço mental” de cachorro. A brincadeira pode acontecer entre dois ou mais pups, ou envolver a figura de um “adestrador” (handler) na posição de dar ordens ou comandos. Apesar de ser considerado um fetiche sexual, o *pup play* (como a maioria das práticas do BDSM) não precisa necessariamente envolver sexo.

Da perspectiva psicológica, praticantes do *pup play* ressaltam quatro fatores principais: (1) o valor terapêutico, uma vez que ele oferece uma possibilidade de escape das responsabilidades da vida cotidiana e das expectativas sociais de comportamento adequado; (2) o caráter lúdico, que permite que os praticantes acessem uma relação com o ato de brincar que é frequentemente reprimida na idade adulta; (3) autoexpressão, uma vez que o *pup play* frequentemente envolve a criação de uma persona canina e permite que os praticantes expressem - seja através da materialidade de suas máscaras ou outras vestimentas, seja através do comportamento adotado quando a persona canina vem à tona - aspectos de sua personalidade que tipicamente ficariam ocultos; (4) visto que o *pup play* é uma prática intrinsecamente relacional, ele fomenta a criação de laços sociais e, mais recentemente, conforme cresce em popularidade e seus praticantes passam a se organizar como subcultura, um senso de comunidade entre seus membros.

Apesar de algumas intersecções com outros tipos de *role-play* que envolvem características animais, como o *Furry* e o *Primal Play*, existem algumas





diferenças entre elas. O *Primal play* dispensa acessórios e a criação de uma persona tão elaborada, se baseia na expressão de comportamentos animais generalizados (geralmente, em contexto erótico), como morder e grunhir e tem a dinâmica de dominação/submissão mais fluida, baseada numa dinâmica de presa-predador ao invés da dinâmica cachorro-adestrador. O *Furry*, por sua vez, abraça a criação de personas e o uso de acessórios e trajes (ex. *fursuits*), mas dispensa o estabelecimento de qualquer hierarquia e não se limita a contextos eróticos. Um dos grandes alicerces da comunidade *furry* é a sua relação intrínseca com as artes visuais, muitos dos membros desenham suas próprias personas ou encomendam artes personalizadas de artistas da própria comunidade para poder expressá-las. Uma diferença importante é que enquanto o *pup play* se baseia na animalização de um ser humano, o *furry* se baseia na antropomorfização de figuras animais, conferindo características humanas (como o bipedismo e a fala) a qualquer espécie animal que imaginação permita. Outra diferença crucial é o senso de comunidade, que é fortemente fomentado pelo *pup play* e pelo *furry*, mas não é tão presente no *primal play*.

A minha trajetória pessoal com o *pup play* começa em 2020. Eu estava estudando para entrar no mestrado em psicologia e já me interessava por pautas específicas da sexualidade. Na época, eu já me considerava fetichista, produzia conteúdo adulto e já tinha alguma experiência com práticas de BDSM. A princípio, o apelo do *pup play* era estético. Eu não entendia muito bem o motivo, mas eu sentia algum tipo de magnetismo me atraindo quando via aqueles rapazes com máscaras de couro e língua de fora. Confesso que também havia uma motivação capitalista na época, eu via no *pup play* um nicho pouco explorado e repleto de potencial para a produção de conteúdo adulto. E assim, começou a construção da minha persona. O nome Pinky e a cor rosa são inspirados no *Hanky*





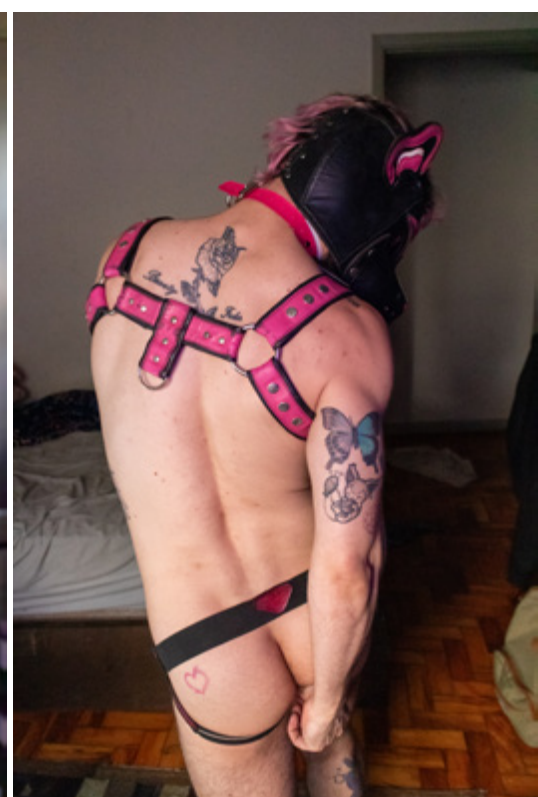


Code, um sistema de comunicação não verbal utilizado historicamente pela comunidade LGBTQIA+, especialmente, por homens gays e bissexuais, para indicar preferências sexuais e fetiches específicos. Em seus primórdios, essa comunicação era realizada por meio de lenços coloridos usados no bolso de trás da calça. O lado em que o lenço é usado indica o papel que a pessoa deseja desempenhar naquela prática específica (ex. ativo ou passivo), e cada cor representa um interesse ou fetiche diferente (ex. amarelo representa o *golden shower*, vermelho representa o *fisting* etc.). Nesse contexto, a cor magenta representa o fetiche em axilas, meu maior fetiche desde a adolescência. Pinky sempre foi um cão farejador. Eu não esperava o que eu senti na primeira vez que eu vesti a máscara de cachorro, era uma sensação nova de desprendimento e liberdade. Era como se eu estivesse tão fora da curva das normas sociais que parecia confortável criar um referencial completamente novo. Para além da estética e do role-play em si, tinha um gosto de transgressão. Por um certo tempo, eu vesti a máscara de cachorro como se fosse uma armadura. Pinky surgiu num momento em que Bruno estava muito fragilizado e a persona me permitiu canalizar força de lugares que antes eu não conhecia. Era como se nem os meus traumas conseguissem me alcançar enquanto eu estivesse no “modo Pinky”. Meu capacete do Juggernaut. Bruno podia estar quebrado em pedaços, mas Pinky era indestrutível.

As práticas do BDSM, no geral, são mais seguras (e mais gostosas) quando se tem intimidade e não é diferente com o pup play. Por quase dois anos, eu me relacionei com um rapaz que também era pup e, nesse período, a prática ganhou novas proporções. Para além das “sessões” em si, o “modo canino” passou a permear nosso cotidiano e transformar nossas demonstrações de afeto. O carinho na barriga, as farejadas e lambidas, os rosnados e latidos não precisavam mais das



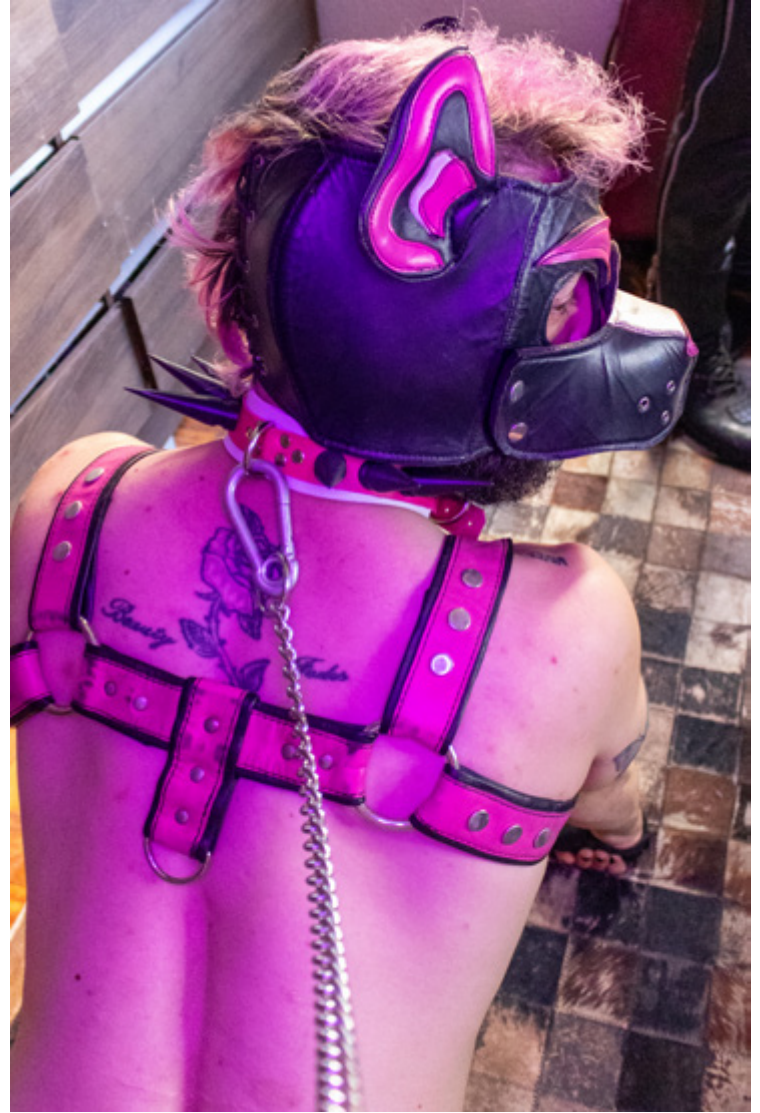












máscaras para vir à tona, tinham se transformado em formas de expressar carinho e cumplicidade. A partir dali, o pup play deixou de ser só um fetiche e passou a habitar um lugar de afeto genuíno. Mesmo fora do contexto romântico, os laços que eu criei com outros “cachorros” (e outras espécies) nos últimos anos vão muito além das máscaras, muito além dos latidos. O sentimento de “matilha” tem uma potência subestimada. Pessoas de sexualidades dissidentes de fato tendem a se agrupar para sobreviver, como uma matilha, buscando reconhecimento e pertencimento umas nas outras. E junto dos meus afetos-caninos, eu tive a epifania de que fetiche também pode ser arte! Uma das minhas maiores imersões no pup play foi levá-lo para o território da performance. Bruno jamais teria a coragem de subir completamente nu no palco de uma festa de música eletrônica que não tem absolutamente nada a ver com o BDSM em si, mas em matilha não é apenas o fetiche que nós expressamos, é também nosso afeto um pelo outro. Com o passar de alguns anos, a fronteira entre o humano e o cachorro foi se dissolvendo. A autoconfiança de Pinky começou a transbordar e contagiar o Bruno. A máscara passou a ser apenas uma forma de fazer os outros verem um lado meu que, de alguma forma, sempre está presente. Hoje em dia, eu não exatamente alterno entre Pinky e Bruno. Eu sou ambos, uma espécie de híbrido, uma quimera. As pessoas me conhecem como Pinky mais do que como Bruno. Nem toda máscara serve para esconder algo, algumas servem para revelar. [







Meu nome é Bruno, mas pode me chamar Pinky. Sou uma pessoa não-binária designada ao gênero masculino no nascimento, tenho 32 anos, moro em São Paulo e estou cursando o último semestre do doutorado em psicologia na USP. Trabalho com produção de conteúdo adulto desde 2019 e atuo como psicanalista desde o ano passado.



@pinky_bruno_



https://linktr.ee/pinky_bruno



<https://www.brasil247.com/authors/sara-york>

[pós]**CORPOS:** Pinky (participação especial: SmokerOtter)

Fotografia: Chris, The Red

São Paulo/SP, 2025



<https://x.com/smokerOtter>

ENSAIOS PORNOSEXUALIGRÁFICOS



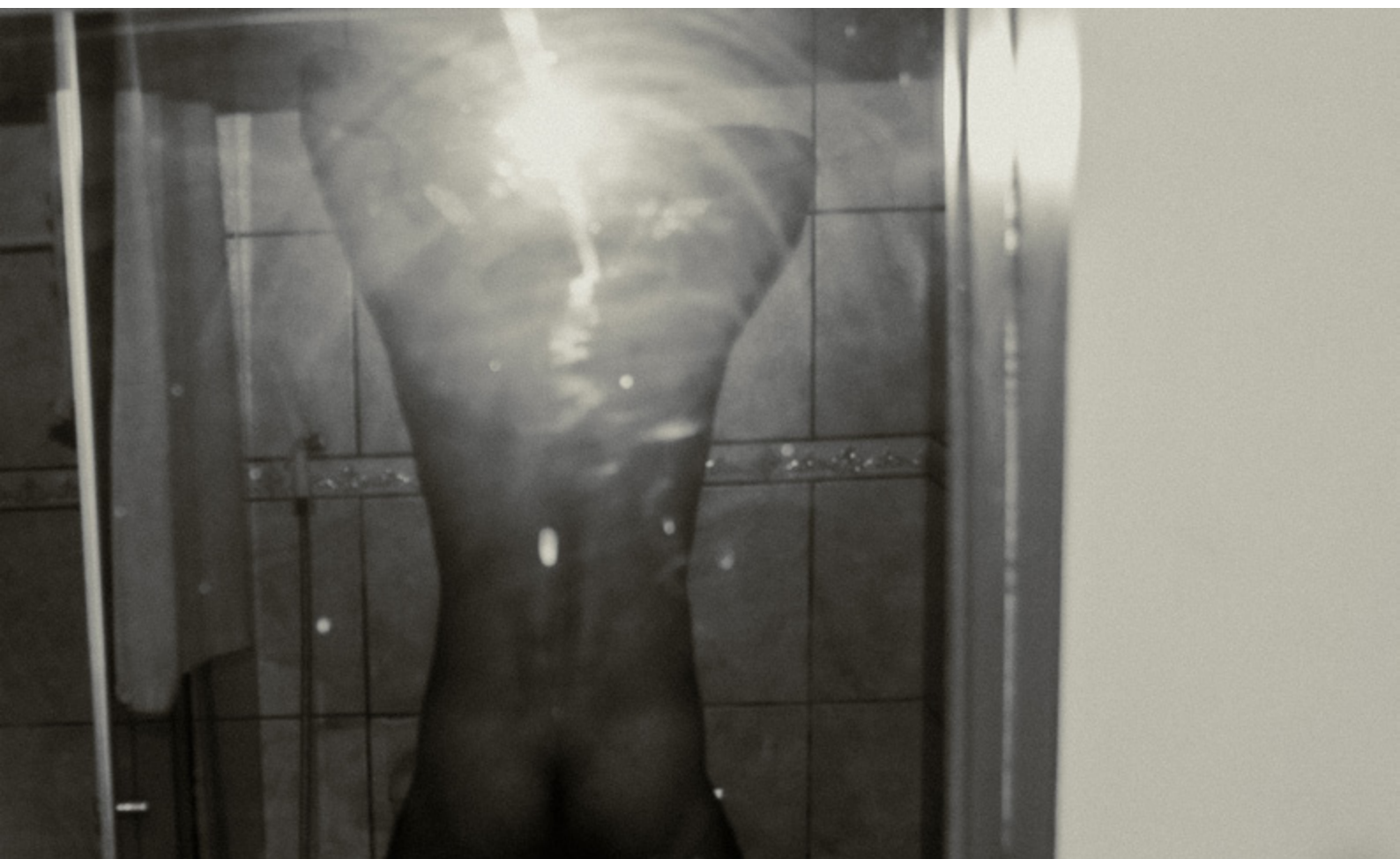
A intimidade na luz do flash

por Uegillys Keyllor

O corpo despido revelado através do flash fotográfico enquanto dispositivo para desnudar e aproximar o olhar, numa partilha de intimidade que aproxima e estimula a sensorialidade.



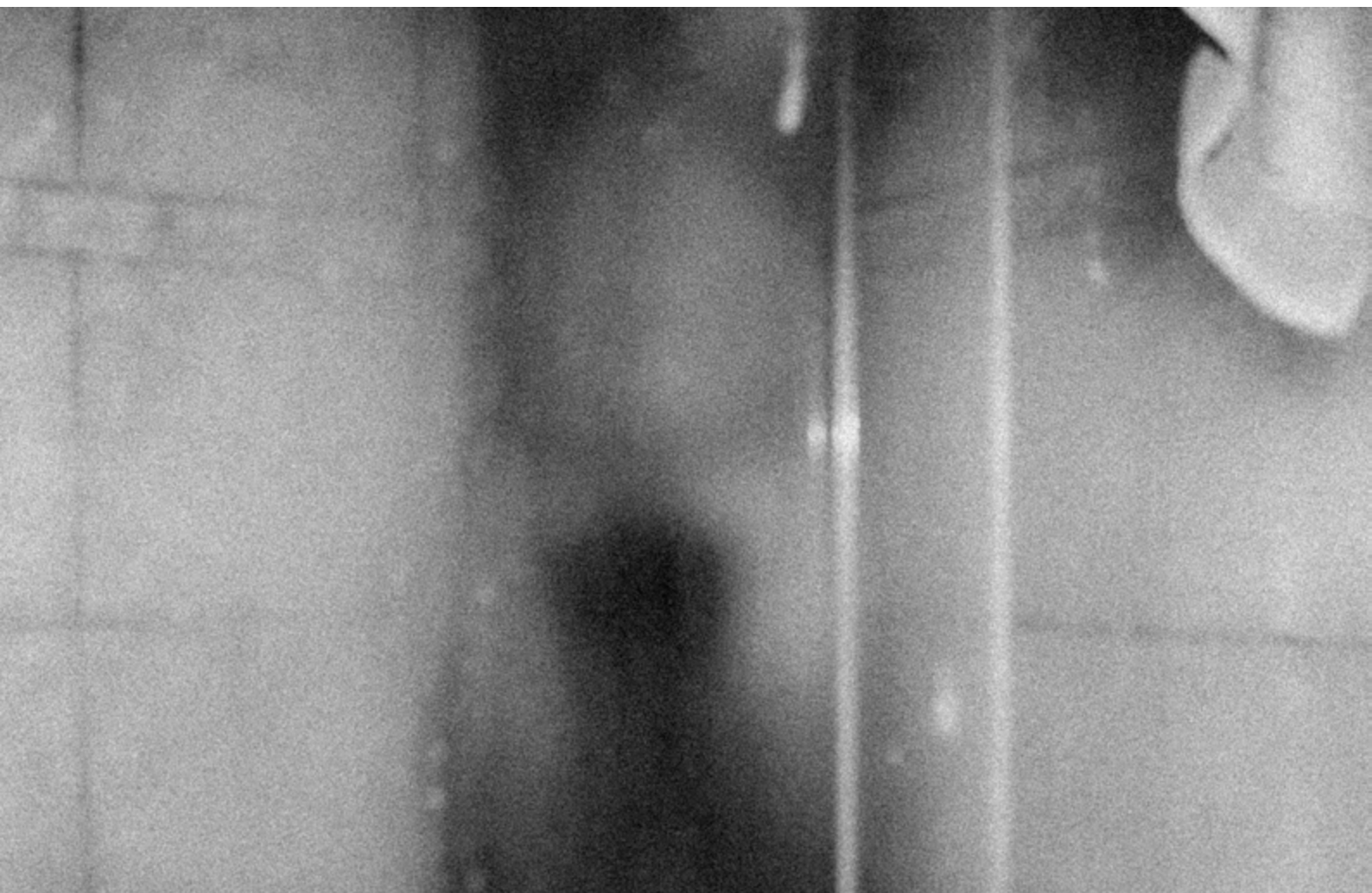
















Uegillys Keyllor. Nascido em João Pessoa-PB, cursou cinema e audiovisual na UFPB. Iniciou, em 2021, o trabalho com a produção das imagens eróticas em seu quarto, fazendo experimentações com sombra, fotos em p&b e num exercício de repetição. Produziu cartões postais com as fotografias e, em seguida, obras em Fine Art emolduradas, participando de exposições e feiras de arte. O trabalho consiste na produção do desejo e sentido através do autorretrato, no exercício repetitivo de olhar a si e compreender as diferentes possibilidades de criar partindo do próprio corpo como potência.

 @uegillyskeyllor

Tem um ensaio pornossexualigráfico (pornográfico, erótico, pós-pornográfico, explícito, metafórico e afins)? Envie seu ensaio entre 05 a 10 imagens e se ele for aprovado, será publicado em uma das edições da [pós]CORPOS.

Acesse e preencha o formulário:

<https://forms.gle/Fsbu8BpnWDDGu3iYA>



Estética

por Chris, The Red

Participe do sorteio da obra **Estética** por Chris, The Red
e ajude no meu doutorado sanduíche que farei na
Alemanha de fevereiro a agosto de 2026.

São 50 números (de 1 a 50).

Cada número custa R\$ 100,00.

Para comprar, entre em contato pelo WhatsApp 11 94737 4880

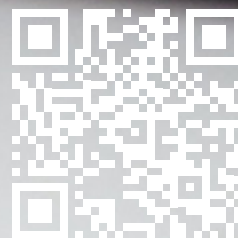
mais Informações:

<https:// pornossexualigrafias.com.br/index.php/estetica-por-chris-the-red>



PUTARIAS de Dr. Red





<https:// pornossexualigrafias.com.br>



série

PUTTOS

exposição em progresso
de chris, the red

curadoria: dr. red

galeria putarias de dr. red
onnowplay.com/doctorred

realização

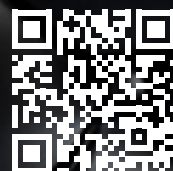
apoio

putarias
de
dr. Red



STUDIO

ARS
SEXU
ALIS





+ 55 (11) 99247-3035



[clube_rhinos](#)



[rhinosclubbar](#)

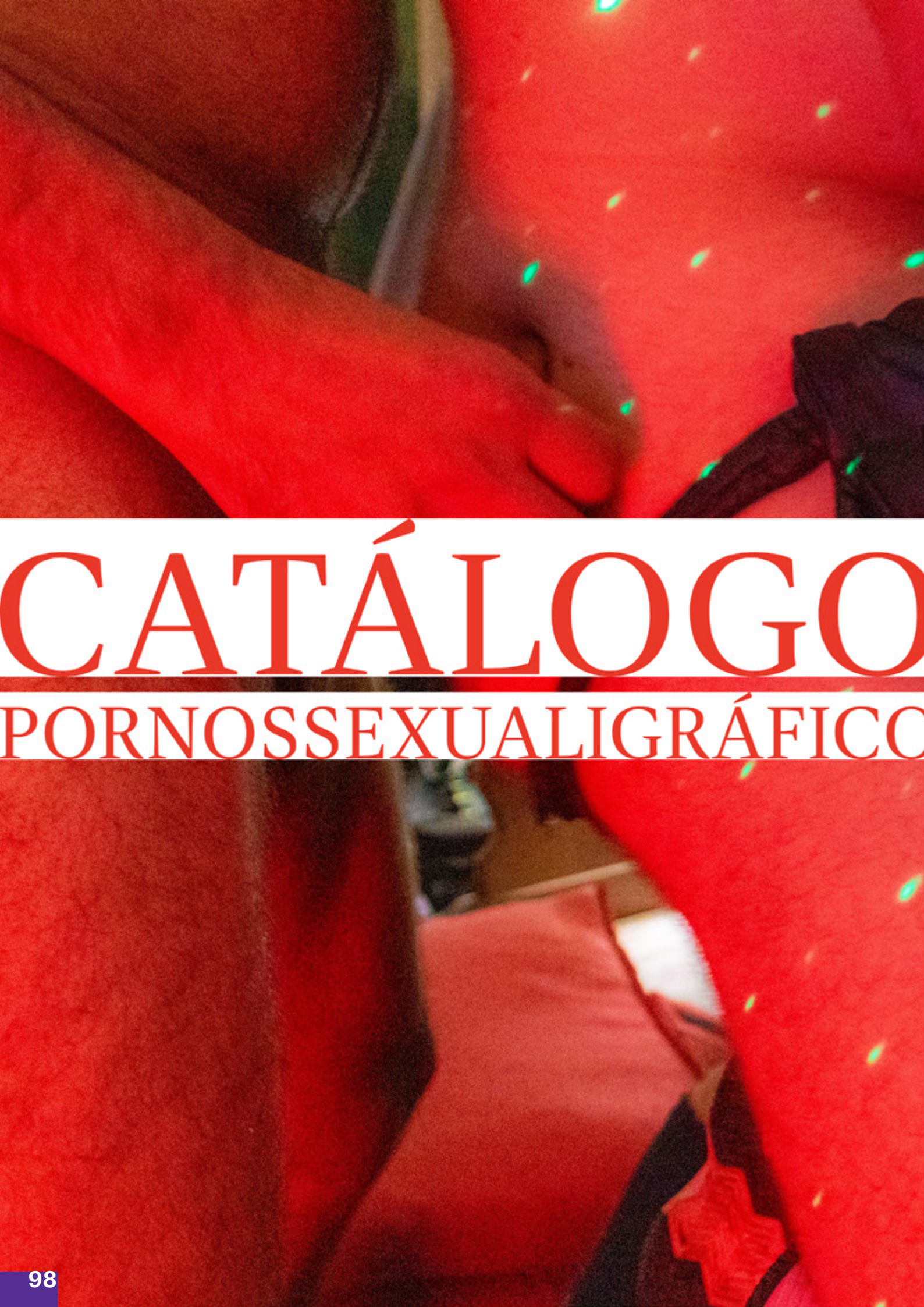


R. Fernando de Albuquerque, 255 Consolação, São Paulo
- SP, CEP: 01309-030





explore seus desejos



CATÁLOGO

PORNOSSEXUALIGRÁFICO



